

DOCENTES/SINDICALISTAS DO 24º NÚCLEO DO CPERS/SINDICATO: CONHECENDO SUAS TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS, PROFISSIONAIS E SINDICAIS

KLUMB, Márcia C. Völz¹; HÜSKEN, Rosane Bom²; MORAES, Maria Laura B.³; WILLE, Regiana Blank⁴; FERREIRA, Márcia O. Vieira⁵;

¹Bolsista de Iniciação Científica – Acadêmica do Curso de Pedagogia FaE/UFPEL marciavolz@yahoo.com; ²Mestranda na FaE/UFPEL rosane.bom@gmail.com; ³Doutoranda na FaE/UFPEL mlaurabm@hotmail.com; ⁴Doutoranda na FaE/UFPEL regicris@terra.com.br; ⁵Orientadora e Coordenadora do Grupo de Pesquisas Processo de Trabalho Docente FaE/UFPEL marciaof@ufpel.tche.br

1 – INTRODUÇÃO

A pesquisa, a qual se refere o presente trabalho, teve por objetivo geral resgatar as especificidades das trajetórias educacionais, profissionais e sindicais de sindicalistas atuantes do 24º Núcleo do CPERS/Sindicato, bem como buscou reconstituir a história da criação do Núcleo e quantificar suas lideranças masculinas e femininas. Neste trabalho, em especial, abordaremos a questão primeira da investigação, considerando como categoria principal de estudo, o gênero, uma vez que, a pesquisa se enquadra no conjunto de investigações acerca da docência que buscam encontrar possíveis diferenças nos caminhos que levam mulheres e homens a esta profissão.

O CPERS/SINDICATO considerada uma das maiores entidades de professores na América Latina – constituída por 42 Núcleos – representa atualmente docentes, especialistas em educação e servidoras/es de escola da rede estadual pública do Rio Grande do Sul. Em especial, o 24º Núcleo – sediado em Pelotas – foi criado a partir da organização do professorado pelotense em meio a um contexto de greves, num período de lutas contra a ditadura militar, especialmente a greve que mobilizou os docentes gaúchos, em 1979. Acerca do desenvolvimento do sindicalismo docente que ocorre especialmente neste período, o estudo de Bulhões (1983) confirma: “[...] o ano de 1979 foi um despertar [...]” (p. 125), se referindo ao movimento do magistério público gaúcho.

Em termos de referenciais nos sustentamos na compreensão de Scott acerca de gênero (1995, p 86), como uma construção em torno das relações sociais baseadas nas diferenças visíveis entre os sexos. E, em Bourdieu (1998), no que tange às estratégias de reprodução social, com base na escolarização. Ressaltando que por estratégias entendemos aqui, as maneiras legítimas das quais se utilizam determinados grupos para perpetuar sua posição social, ou melhorá-la, como no caso dos sujeitos investigados por esta pesquisa, ou, segundo as palavras do autor: “[...] sequências objetivamente ordenadas e orientadas de práticas que todo grupo deve produzir para reproduzir-se enquanto grupo [...]” (1998, p.115).

2 – METODOLOGIA

Na metodologia utilizamos basicamente uma abordagem qualitativa de investigação, com auxílio de técnicas quantitativas de caráter descritivo. Desta forma, para reconstituir a história da criação do 24º Núcleo realizamos a coleta de

dados por intermédio de análise documental, através de materiais impressos disponíveis sobre o processo da formação do Núcleo e atas de fundação do mesmo. E, ainda, organizamos tabelas e/ou quadros descritivos das Diretorias do 24º Núcleo desde sua criação, a partir da coleta de nominatas em livros de atas, considerando, em especial, a distribuição segundo o sexo.

Quanto aos procedimentos do recorte aqui apresentado, que busca conhecer as trajetórias educacionais, profissionais e sindicais dos/as docentes/sindicalistas do Núcleo, recorreremos a entrevistas semi-estruturadas, baseadas em roteiros, aplicadas aos membros das gestões compreendidas entre 1980-1984; 1984-1987; 1987-1990; 1990-1993; 1993-1996; 1996-1999; 1999-2002; 2002-2005; e 2005-2008. A seleção dos membros das diretorias teve por principal critério a ocupação de cargo com importância política em cada gestão, preferencialmente Diretor/a, de ambos os sexos. Ademais, frente ao maior número de mulheres nos cargos diretivos, tentamos obter o maior número possível de entrevistas com homens.

3 – RESULTADOS

Considerando o montante de resultados obtidos com o término da pesquisa, o presente estudo se propõe a discutir os mais relevantes achados em torno do tema. Apresentaremos inicialmente nossos sujeitos entrevistados/as – buscamos entrevistar ao menos um/a representante de cada uma das diretorias, entre os anos delimitados pela investigação: 1980/2008 –, os quais somaram um total de 15 indivíduos. Vale ressaltar que entrevistamos 16 sujeitos, no entanto, um deles não concordou em tornar pública sua entrevista, bem como, nesta análise, não utilizaremos o depoimento de uma funcionária, tendo em vista o nosso objetivo se restringir aos docentes/sindicalistas. E ainda, é preciso esclarecer que um dos docentes entrevistados não participou de nenhuma diretoria, ainda que tenha atuado intensamente na fundação do Núcleo, fazendo parte da Comissão Pró-Núcleo. Para uma melhor visualização dos dados discriminaremos, no quadro a seguir, os/as dirigentes e o período das suas respectivas gestões:

Entrevistados atuantes nas Diretorias do 24º Núcleo do CPERS/SINDICATO – 1980/2008

ENTREVISTADA/O	GESTÕES
Ana Helena Beckenkamp	1980-1984; 1993-1996
Antônio Alberto Andrezza	2005-2008
Cirio Machado Almeida	1987-1990
Clarice Terra Wetzel	1990-1993
Flávio Medeiros Pereira	Comissão Pró-Núcleo (1980)
Gilberto Hartwig Schmidt	1996-1999; 1999-2002
Maria Virgínia Fagundes Moreira	1993-1996; 1996-1999
Maria Zélia da Rosa Coll	1984-1987
Marilena Tourinho Salamoni	1980-1984
Marly Lima Martins	2005-2008
Najilah Pons Moraes da Silva	1987-1990; 1996-1999
Regina Maria Pereira Paiva	1990-1993
Sérgio Luiz Barbosa Mota	1984-1987
Sonia Fontoura Cardoso	1980-1984
Tereza Cristina Thomaz Farias	1987-1990

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados no Núcleo do CPERS/SINDICATO.

Deste modo, contamos com a participação de nove professoras (8 entre 57 e

66 anos e uma com 51) e cinco professores (entre 56 e 57 anos), sendo que alguns também atuaram como membros da Comissão Pró-Núcleo. O grupo de entrevistadas/os identificou-se como pertencente, durante a sua infância, à “classe baixa” ou “média”, conforme o padrão da época.

Considerando a relação da escolaridade e ocupação dos pais e das mães com a escolaridade dos sujeitos investigados, analisamos um distanciamento entre ambos ao se tratar destas variáveis. Isto é, os/as primeiros/as, em sua maior parte, eram assalariados ou pequenos produtores rurais. Assim, referente aos pais das mulheres entrevistadas, encontramos: dois agricultores, dois militares, um contador, um comerciante, um funcionário público, um técnico em eletrônica e um sapateiro. Já as mães que não foram identificadas como donas de casa, trabalhavam como: professora, funcionária pública e costureira. No que tange aos homens investigados, três dos pais eram agricultores, um portuário e outro militar da Brigada. Quanto à ocupação das mães, podemos dizer que, todas foram identificadas pelos entrevistados como donas de casa, sendo que uma conciliava também suas funções domésticas com a agricultura, e outra com a costura.

Em relação à escolaridade, os pais e mães dos nossos sujeitos cursaram poucos anos letivos, alguns não chegaram a ter escolaridade formal, havendo dois casos de pais e mães semi-analfabetos. Apenas uma entrevistada diz que seus pais cursaram – segundo sua definição – o 2º Grau completo. Já os nossos sujeitos concluíram o ensino superior, embora em cursos com menor prestígio, como são os cursos de formação de professores, chegando alguns a realizar cursos de pós-graduação.

Analisando mais especificamente a trajetória escolar dos investigados vemos o magistério como opção de curso feminino. Dentre as nove mulheres, apenas duas não cursaram o magistério, realizando assim o Clássico. Três comentam ter realizado seus estudos em escolas públicas, quatro em escolas privadas e duas estiveram em escolas públicas e privadas. Enquanto três dos homens cursaram o ensino técnico, um o Científico e outro – segundo sua própria definição – o “ensino médio”, em escolas públicas.

Na perspectiva profissional, os homens ingressam na carreira docente após passarem por outras experiências profissionais (exceto um dos sujeitos, mas que inicialmente também não tinha nenhum interesse pela docência). Já a maioria das mulheres começam a docência precocemente a partir do curso de magistério (nível médio). É preciso observar que também há um rompimento destas com a condição social de suas antecessoras, que se encontravam restritas ao mundo privado, com exceção apenas de uma das mães que trabalhava como funcionária pública.

Vale destacar que, mesmo nos casos em que inicialmente não tenha sido por escolha decorrente do interesse e gosto do sujeito pela carreira, todos revelam certa realização profissional. Outro ponto a destacar, entre nossas professoras e professores, é a carga horária. Enquanto as mulheres lecionam 40 horas semanais, tendo um caso de 20 horas, há três homens que tiveram regime de 60 horas semanais, justificadas pelos entrevistados como necessidade econômica.

Ademais, acerca das trajetórias sindicais alguns dos sujeitos acreditam que seu início na militância no 24º Núcleo do CPERS, foi devido à influência de envolvimento em atividades sociopolíticas anteriores. Outros fazem menção específica à greve de 1979 dos docentes gaúchos, a qual os teria despertado para ingressar no movimento de professores do CPERS/SINDICATO e, após, seguiram na luta sindical da entidade representativa em Pelotas. Ainda houve quem mencionasse a falta de valorização profissional como motivo para sindicalização. Em

especial, da relação da militância com a profissionalização, as respostas se encaminham no sentido de defender um elevado crescimento no trabalho da sala de aula decorrente da participação sindical.

4 – CONCLUSÃO

Como conclusão, queremos destacar que a busca dos sujeitos por uma posição social melhor ocorre principalmente por meio da influência paterna, considerando o fato de que são os pais que exercem funções, embora consideradas sem status, condizentes à esfera pública, ou seja, são eles que participavam de círculos sociais e políticos que valorizavam a educação.

E por fim, considerando as relações de gênero foi possível analisar a questão da existência de diferenças nos caminhos que levam mulheres e homens à docência. Os homens, os quais já trabalhavam em outras ocupações, encontraram na licenciatura a possibilidade de mobilidade social. Já no caso das mulheres, a docência apresentou-se mais como uma das únicas alternativas profissionais, começada precocemente, pela maioria, a partir do curso de magistério (nível médio).

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 81-126.
- BULHÕES, Maria da Graça Pinto. O movimento do magistério público estadual do Rio Grande do Sul de 1977 a 1982. Porto Alegre: UFRGS, 1983. Dissertação de Mestrado.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.